

Terça-feira, de manhã - Voltei lá no boteco. O samba é de primeira, mesmo. Já me arrisquei em algumas músicas. Os sujeitos que cantam não parecem metidos.

Acabei de me lembrar que tenho que resolver as burocracias da demissão. Caralho como vai ser com essa ressaca do tamanho de um bonde que eu tô passando agora? Tenho uma grana para retirar, que não vai durar para sempre, mas e essa dor de cabeça?

Sábado, de manhã - É engraçado, mas também não consigo julgar o Otávio pelo que fez. Já falei umas merdas, mas eu tava puto. Eu sei, ele deu um tiro na testa de um fulano qualquer e sumiu, desapareceu. Mas, sei lá. Porra, a história do pai dele é assustadora. Imagina ver o pai morrendo, depois de ter uma discussão com você? Eu que não queria isso para mim. E a mãe, aquela perua? Deus me livre. Quero viver a minha vida inteira sem encontrá-la novamente. Aquela mulher não é uma mãe, é uma bruaca. Não acho que as pessoas devam sair por aí assassinando outras, mas... Sei lá...

Quarta-feira - Eu mantinha uma relação boa com os outros policiais. Gosto, até, de alguns. Sinto saudade deles. Volumoso é um cara que eu vou sempre considerar como um filho que eu não tive. Veio aqui ontem. Tomamos umas cervejas, conversamos sobre o caso. Ele me atualizou. A.A., a dupla mais alcoólatra do mundo, ficou com ele. Agora eles é que vão ter que descascar esse abacaxi. Tão fodidos.

Domingo, de tarde - Fui de novo lá no boteco. É desses de azulejos azuis, com uma prateleira de cachaça, ovos rosas, carne assada de semana retrasada. Essas coisas. Mas a cerveja é estupidamente gelada e o samba é de primeira. Lá pela minha quinta, sexta garrafa, aconteceu algo muito estranho. Eu vi C. do outro lado da rua. Eu tenho certeza que vi. Estava meio bêbado, mas vi. Não pode ser outra pessoa. Ou não era ela? Me levantei no meio de um samba, deixei as minhas coisas e fui atrás dela. Ninguém entendeu nada. Acho que não era ela, não. Mas parecia. Parecia muito. O mesmo estilo. Pequena, cabelos castanho-claros, branquinha. Atravessei a rua, me aproximei, mas ela entrou num prédio e eu a perdi. Já tava meio bêbado, não sei se ela era. Acho que não. Seria muita coincidência.

Quinta-feira - Ontem, acordei no meio da madrugada por causa de um barulho estranho. Tinha bebido um pouco na noite anterior. Um pouco nada, tinha bebido pra caralho. Tava ainda bêbado, mas o barulho me acordou na hora. Que porra é essa?, pensei. Deu merda, pensei, deu merda.

A minha rua tem algum movimento durante o dia. De noite é um deserto. Fico com medo de morar aqui. Na parte de trás da minha, fica outra casa, que dá para a outra rua, igual à minha, mas em sentido contrário. O barulho pode ser de alguém que tenha pulado do lado de lá, para o de cá, pensei. Fodeu, pensei.

Senti na hora a ressaca bater. Minha cabeça pesava uma tonelada. Tentei me levantar, mas parece que a gravidade estava mais forte só sobre mim. Fiquei preso à almofada do sofá. Fodeu, repeti, fodeu. Tinha que matar esse filho da puta que tava no meu quintal, mas não conseguia nem ficar de pé.

Peguei o revólver e decidi levantar rápido. Mas nem me mexi. Ouvi um galho quebrar com uma pisada. Senti meu corpo duro que nem um pau, meus olhos se arregalaram, a adrenalina aumentar. Tava pronto para matar quem quer que aparecesse. Não me mexi muito para poder ouvir melhor o que acontecia lá fora. Aparece, filho da puta, aparece, falava baixinho. Com o maior esforço do mundo, caminhei para a janela da sala, que dá para a varanda e o quintal. Puxei o cão da arma. Queria estar pronto se fosse preciso. Vou atirar no primeiro homem que aparecer no meu próprio quintal. Vou dar um tiro no meio da cabeça do sujeito, vou ouvir sua cabeça estourar, vou ver o sangue escorrer sobre as plantas, as plantas que Flor cuidava, e, depois, vou chamar a polícia. Deixa ele aparecer. Aparece, filho da puta, aparece.

Em seguida, escutei o barulho do portão fechando. Foi tudo muito rápido. Dez segundos, no máximo. Decidi, na hora, que no outro dia veria o que tinha acontecido. Tinha que voltar a dormir.

Não sei que dia - Depois de algum tempo, meus dias se tornaram apenas um, grande e chato. As horas se repetem sem que me dê conta. Continuo indo ao samba, mas até isso se transformou em uma espécie de obrigação, para tentar fugir do tédio. Bebo muito. Todos os dias e todo o dia. Tô ficando velho. Tô ferrado. Vou morrer sentado aqui, falando essas merdas, sem ninguém se importar comigo. Só o Volumoso vem aqui. Mas já não sei se quero que ele venha. Prefiro ficar quieto. Tô triste. Não tenho mais vontade de sair de casa.

A minha geladeira só tem latas abertas ou comida estragada ou garrafas pela metade. O dinheiro que consegui com a demissão foi uma mixaria. Não sei o que vou fazer, a quem pedir. Não tenho mais forças. Estou sozinho. É o fim da linha.

Como faço para acabar com esse negócio, com esse embrulho aqui no meio da minha barriga que me deixa enjoado, mesmo quando eu não comi nada? Não quero chegar ao fundo do poço. Mas existe algo ainda pior do que o que eu tô vivendo? E aquele Otávio? Parece que foi há 40 anos, toda aquela história de morte, tiro, livro, irmã, namorada... Parece que não foi comigo. Mas foi. E eu fui um incompetente. Dei muito mole. Mas a verdade é que eu não sou bom o suficiente, não sou um bom investigador. O que eu sou? Não sou nada. Não sei fazer nada. Não me imagino trabalhando em lugar algum. Não tenho alternativas. Estou a caminho do fim. Otávio é que fez o certo. Um tiro no meio da testa. Mas, peraí, ele não se matou...

Vivo o dia inteiro na cama. Ou no sofá. Não sei que dia da semana é hoje. Só sei que é dia porque o céu está claro, nublado, embaçado, um bafo. Andar de um lado para o outro é cada vez mais complicado. Tô ficando sem forças. Os programas de TV são todos iguais, tudo uma chatice só. Não consigo ver nada por mais de cinco segundos. Não aguento mais essa pooooooooorra.

Ontem... Ontem foi foda. Pensei que ia me matar. Coloquei a minha arma sobre a mesa da sala. Retirei o pente, abri a agulha e saquei a bala. Só preciso de uma bala, pensei na hora. Olhei pelo cano e imaginei como seria a minha morte. Solitária. Calma. Ninguém ia reparar. Ia ser que nem a minha vida inteira. Sozinho.

Coloquei a arma na testa, no céu da boca, na têmpora. Fiquei experimentando. Onde eu me mataria? Por onde eu faria a bala entrar na minha cabeça e estourar o meu cérebro? Por onde eu teria a certeza de acabar com essa dor no meio do estômago, que me puxa para baixo? Otávio deu um tiro no meio da testa. Acho que agora eu o entendo. Sei como é chegar ao extremo, só enxergar a saída pela morte e não querer esperar pelo destino decidir quando é a sua hora. Mas, porra, Otávio não se matou. Aquele filho da puta. Eu tô ficando maluco. Ele tá me confundindo. Fez tudo para enganar a todos. Escreveu o livro somente com mentiras. Tentou se transformar num mártir, mas sem se sacrificar pela causa. Ele é um charlatão, um pregador vazio.

---

Foi aí que eu larguei a arma sobre a mesa de centro. Olhei o vazio, a parede em branco na minha frente, e tive uma iluminação. Não sou religioso, mas senti um troço quente percorrer o meu corpo, um calor que eu não estava mais acostumado. Eu não tenho ideia – pensei – do que vai acontecer comigo daqui para frente, mas enquanto estiver de pé, vou tentar descobrir o que de verdade aconteceu com Otávio. É isso que eu vou fazer. Gastar todo o meu tempo para resolver o mistério. Eu vou encontrar o Otávio. Custe o que custar. Vou atrás desse cara. Vou percorrer cada beco dessa cidade. Vou revirar todo o lixo, encher o saco de todo mundo que eu conheço. Vou encontrar esse arrombado e vou acabar com essa história. E chega de falar essas merdas, que eu tenho que trabalhar sério.